



**MUNICÍPIO DE ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL**

EDITAL N.º 220/2024

Eu, **ELSA MARIA ALVES CORREIA HENRIQUES**, no uso dos poderes que me foram delegados pela Sra. Presidente da Câmara Municipal de Almada, através do seu despacho n.º 109/2021-2025, de 15 de novembro de 2022, **torno público** que por despacho da Sra. Presidente da Câmara Municipal de Almada, no uso dos poderes que lhe foram delegados pela Câmara Municipal de Almada, foi aprovado em 14 de março de 2024:

I

1 - Que ao arruamento de acesso ao loteamento 698/92, anteriormente designado por Rua A, com início na Rua da Genovesa e prolongamento para sul até à Rua F, assinalada na Figura 2, seja atribuída a designação:

**RUA
QUINTA DO PERFUME**

2 - Que ao arruamento codificado na Figura 2 como Rua B, atualmente sem topónimo atribuído, com início na Rua F assinalada na Figura 2, e prolongamento para norte até à Rua Quinta da Genovesa, seja atribuída a designação:

**RUA
FRANCISCO PERFUMO**

Perfume é o apelido “aportuguesado” de Francisco Perfumo, Perfume ou Prefumo, um comerciante da Praça de Lisboa (1824-1861), natural de Génova e descendente de família nobre de apelido Profumo, foi também comandante de algumas embarcações que comerciavam com Génova. Há registos de ter declarado falência em 1841, tendo continuado a sua atividade comercial com Génova e com os portos de França, como representante e agente de navegação. A presença de Francisco Perfumo em Almada documenta-se com segurança em 1834, no inventário dos bens do antigo Convento da Rosa, no qual constava que Francisco Perfume pagava ao Convento dos Paulistas de Lisboa, sucessor do extinto convento da Caparica, um foro de 8\$000 (oito mil réis) por umas vinhas que possuía no Juncal da Sobreda, que confrontavam a Poente com Joaquim Duarte Vieira (Guarda-Mor). Seriam provavelmente duas vinhas, as mesmas que em 1855 pagavam 7\$000 à Fazenda Nacional. Faleceu aos 78 anos, em 12 de novembro de 1861, sendo sepultado no Cemitérios Prazeres, tendo ali dois jazigos. Após o óbito de Francisco Perfumo, a propriedade foi herdada por D. Rosa Mariana de Ataíde Perfumo, viúva e mais herdeiros de Francisco Perfumo.

3 - Que ao arruamento codificado na Figura 2 como Rua C, com início na Rua B e terminando em impasse, seja atribuída a designação:

**RUA
CELESTE AMORIM**

Maria Celeste Robalo de Amorim, nascida em 13 de fevereiro de 1938, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, foi uma figura proeminente que deixou uma marca indelével no cenário cultural e político português. Faleceu em 10 de março de 2009, encerrando uma vida repleta de atividades dedicadas à promoção da cultura, liberdade e justiça social. Filha de António de Amorim Pereira, professor de música e diretor de bandas filarmónicas da GNR e de bombeiros, e de Maria do Resgate Robalo de Amorim, professora de rendas



MUNICÍPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL

e bordados, Celeste Amorim viveu e estudou em Lisboa, mas foi em Torres Vedras que iniciou sua intensa atividade cultural, sobretudo na direção do Cine Clube local, até ser encerrado pelo Estado Novo, que via as atividades culturais como subversivas. Em 1961, Celeste integrou o Coro Lopes Graça, uma participação que se estendeu até o final de sua vida. Seu trabalho com Michel Giacometti na série televisiva "O Povo que Canta" foi notório, destacando-se pela locução e contribuições para a recolha da música tradicional portuguesa. Com uma intensa atividade antifascista, Celeste Amorim nunca foi presa, mas protagonizou uma anedótica história de resistência ao fechar os agentes da PIDE dentro de sua casa e escapar durante uma visita de rotina em 1962. Reconhecida por suas qualidades humanas, camaradagem e generosidade, Celeste deixou um legado de ética e firmeza na defesa dos valores do 25 de Abril. Após mudar-se para Almada por amor, casando-se com o advogado José Noronha, contribuiu ativamente na Freguesia de Cacilhas, sendo distinguida pela Câmara Municipal de Almada com a Medalha de Prata de mérito cultural. Sua voz de soprano belíssima e luminosa, embora não sendo uma cantora profissional, destacou-se no Coro da Academia de Amadores de Música, ocupando o lugar central e contribuindo para gravações notáveis, como as "Oito Canções das Barcas Novas". Celeste Amorim, uma mulher de abril, deixou um vazio profundo após sua morte súbita em 2009, mas seu exemplo e estímulo para lutar pelos valores da justiça social e liberdade permanecem vivos na memória daqueles que com ela conviveram.

4 - Que ao arruamento codificado na Figura 2 como Rua D, localmente denominado como Rua A (Figura 1), com início na Rua B assinalada na Figura 2, e terminando em impasse, seja atribuída a designação:

RUA MARIA GUINOT

Maria Adelaide Fernandes Guinot Moreno nasceu em Lisboa, a 20 de junho de 1945, e foi viver para Almada. A sua ligação à música começou aos 4 anos, quando iniciou os estudos de piano, tendo integrado o Coro Gulbenkian aos 7 anos. Em 1968, participou num programa de rádio que resultou na gravação do seu primeiro single, seguido por outro intitulado "Criança Loura". Após um interregno musical, regressou na década de 1980, conquistando o 3.º lugar no Festival RTP da Canção de 1981 com "Um Adeus, Um Recomeço". Participou em vários festivais, vencendo o Festival RTP da Canção em 1984 com "Silêncio e Tanta Gente", representando Portugal no Festival Eurovisão. Ao longo da carreira, colaborou em projetos notáveis, como o álbum "Cem Anos de Maio" em 1986 e o disco "Correspondências" de José Mário Branco em 1990. Editou o álbum "Esta Palavra Mulher" em 1987 e, em 1991, lançou "Maria Guinot", produzido por José Mário Branco. Além da música, coescreveu o livro "Histórias do Fado" em 1999 e, em 2004, lançou "Memórias de um Espermatozóide Irrequieto", acompanhado de um CD com inéditos chamado "Tudo Passa". Maria Guinot faleceu aos 73 anos, a 3 de novembro de 2018, na Parede, vítima de uma infeção respiratória. O seu legado musical e literário continua a ser recordado.

5 - Que ao arruamento codificado na Figura 2 como Rua E, atualmente sem topónimo atribuído, com início e fim em impasse, seja atribuída a designação:

RUA MANUEL BARROS SEABRA

Manuel Barros Seabra, conhecido como Senhor Seabra, nasceu em 1919 em Ancas, concelho de Anadia. O seu envolvimento com a música iniciou-se em 1940, durante o serviço militar nos Açores, quando integrou uma



MUNICÍPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL

orquestra militar na Base Aérea das Lages. Ao regressar ao continente, ingressou na Guarda Fiscal, servindo em diversas localidades de Portugal e participando ativamente em agrupamentos musicais. Em 1965, foi colocado em Lisboa, integrando a Banda da Guarda Fiscal e a música tornou-se uma parte essencial da sua vida.

A partir de 1972, estabeleceu colaboração assídua com coletividades da Margem Sul do Tejo, integrando-se na Banda Filarmónica da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense e também na Banda da Sociedade Filarmónica Operária Amorense. Nesse período, passou a transmitir os seus conhecimentos musicais como monitor, contribuindo para o desenvolvimento de novos músicos. Manuel Barros Seabra foi monitor da Escola de Música da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense. A partir de 1975, participou ativamente na Sociedade Recreativa Musical Trafariense como músico, contramestre e monitor da Escola de Música. Nesse contexto, destacou-se como professor de música filarmónica, desempenhando uma atividade altamente meritória no ensino e orientação de jovens talentos. Reconhecido e respeitado no meio musical almadense, Manuel Barros Seabra recebeu várias distinções, incluindo a medalha de prata do INATEL em 2002 e a Medalha de Mérito e Dedicção da Câmara Municipal de Almada em 2003. Este músico exemplar faleceu a 12 de novembro de 2012, tendo-lhe sido prestada homenagem póstuma na Assembleia Municipal de Almada de dezembro de 2012.

6 - Que ao arruamento codificado na Figura 2 como Rua F, atualmente sem topónimo atribuído, com início e fim em impasse, seja atribuída a designação:

RUA CELINA PEREIRA

Celina Pereira, nascida na Ilha da Boa Vista em Cabo Verde em 10 de setembro de 1940, e falecida em Almada em 17 de dezembro de 2020, foi uma destacada cantora, escritora e educadora cabo-verdiana. Reconhecida como embaixadora da cultura cabo-verdiana, dedicou-se à preservação da memória coletiva do seu povo, especialmente através da música. Celina desempenhou um papel fundamental na campanha que levou a morna, género musical cabo-verdiano, a ser reconhecida como Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Nascida na Ilha da Boa Vista, Celina mudou-se para São Vicente aos seis anos de idade, onde cresceu sob a influência de duas línguas, o português e o crioulo. Sobrinha do político revolucionário Aristides Pereira, Celina começou a cantar aos oito anos como solista do orfeão na igreja protestante. Em 1968, aos 25 anos, teve sua primeira atuação profissional com o Grupo Ritmos Cabo-Verdianos, e a partir daí, sua carreira musical ganhou impulso. Estudou em Viseu nos anos 1960 e mudou-se para Lisboa em 1970, onde se tornou uma referência da diáspora cabo-verdiana e da sociedade portuguesa. Além de sua carreira musical, Celina destacou-se como jornalista de rádio, contadora de histórias e educadora, contribuindo para a preservação das tradições culturais cabo-verdianas. Ao longo da sua carreira, lançou diversos álbuns, incluindo "Força de Cretcheu" (1986) e "Harpejos e Gorjeios" (1998), e colaborou com artistas renomados como Martinho da Vila. Em 2003, foi condecorada com a Medalha de Ordem ao Mérito no grau Comendadora pelo presidente Jorge Sampaio, por sua contribuição na área da educação e cultura cabo-verdiana. Além do seu legado musical, Celina também se destacou como autora, escrevendo três títulos de áudio-livros multilingues, com destaque para "Estória Estória... do Tambor a Blimundo". Em 2018, publicou "A Sereia Mánina e os seus sapatos vermelhos", um livro infantil de histórias cabo-verdianas disponível em formato impresso, audiobook em português, cabo-verdiano e em braille. Celina Pereira faleceu aos 80 anos, em 17 de dezembro de 2020, em Lisboa, deixando um legado significativo para a cultura cabo-verdiana.



**MUNICÍPIO DE ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL**

II

- Que fique a cargo do urbanizador, a execução e afixação da identificação toponímica respetiva, nos arruamentos suprarreferidos, de acordo com as indicações a fornecer pelo gestor do processo.

E para constar se passou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Almada, 9 de maio de 2024

A Secretária Geral,

(Por delegação da Sra. Presidente – Despacho n.º 109/2021-2025, de 15 de novembro de 2022)


Elsa Henriques